

ASPECTOS DO LÚDICO NA IDADE MÉDIA (*)

Luiz Jean LAUAND (**)

RESUMO: *O artigo trata da presença do lúdico na pedagogia medieval e analisa seus fundamentos, especialmente a valorização filosófica do brincar na Ética de S. Tomás de Aquino. Ao final, apresenta-se a tradução do texto sobre o brincar no Comentário de Tomás à Ética de Aristóteles.*

PALAVRAS-CHAVE: *Lúdico na Idade Média. Pedagogia Medieval. Filosofia e História do Brincar. A Filosofia Moral de Tomás de Aquino. O Brincar em Aristóteles e em S. Tomás.*

INTRODUÇÃO

Um dentre os diversos preconceitos a respeito da Idade Média é o que a concebe como uma época avessa ao riso e ao brincar.

Na verdade, porém, o homem medieval é muito sensível ao lúdico; convive a cada instante com o riso e com a brincadeira. Tal afirmação - facilmente verificável pelos documentos da época - não chega a ser surpreendente para quem reflita sobre a Idade Média: há diversas razões que permitem supor essa atitude mesmo antes de conhecer concretamente os documentos específicos que a comprovam.

As três partes em que se divide o presente estudo pretendem mostrar aspectos do alcance, do significado e da fundamentação do lúdico na Idade Média.

* Texto ampliado de comunicação originalmente apresentada no II Congresso Brasileiro do Brinquedo na Educação de Crianças de 0 a 6 anos, FEUSP, S. Paulo, na mesa-redonda "O brinquedo e sua história", 10-7-90.

** Professor Doutor do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Na primeira - *O lúdico na Pedagogia Medieval e seus fundamentos* -, após apontar brevemente fundamentos teológicos e histórico-psicológicos do lúdico na Idade Média, indicamos alguns modos pelos quais a brincadeira se faz presente na pedagogia da época. E mostramos, através de um exemplo (o da conhecida poesia *Ave Verum*), como o lúdico auxilia, por vezes, a crítica histórica de textos medievais.

A 2ª parte - *Fundamentos filosóficos do lúdico: a análise de Tomás de Aquino* - é dedicada à análise (e ao panegírico) que S. Tomás faz do lúdico na Suma Teológica. Após um esboço do sentido geral da Ética (campo onde se situa a virtude do brincar), mostramos o caráter lúdico da própria estrutura da Suma, exemplificando com a discussão de Tomás sobre o excesso no brincar. A seguir, resumimos o artigo em que se trata do brincar como virtude.

Na parte III, apresentamos ao leitor brasileiro a tradução do texto sobre o brincar do *Comentário* de Tomás de Aquino à Ética de Aristóteles; precedida de breve "Nota Introdutória".

Finalmente, em *Apêndice*, a tradução de duas poesias da época de S. Tomás que ilustram alguns excessos no brincar.

Ao final desta *Introdução*, quero expressar minha gratidão ao Prof. Antonio Donato Paulo Rosa, pela cuidadosa revisão da tradução latina do *Comentário*.

I - O LÚDICO NA PEDAGOGIA MEDIEVAL E SEUS FUNDAMENTOS

I.1 - Fundamentos Teológicos

Para a fundamentação teológica do lúdico, consideremos que o cristianismo (tão marcante na Idade Média) dá ao homem um vivo sentido de mistério, uma humildade anti-racionalista (não anti-racional; anti-racionalista!) que está na própria base do senso de humor.

Pois o riso pressupõe algo do reconhecimento e aceitação da condição de criatura, de que o homem não é Deus, do mistério do ser, da não-pretensão de ter o mundo absoluta e ferreamente compreendido e dominado pela razão humana. O racionalismo, pelo contrário, é sério; leva-se demasiadamente a sério e, por isto mesmo, é tenso e não sabe sorrir.

O homem medieval brinca porque acredita vivamente naquela maravilhosa sentença bíblica que associa a Sabedoria divina à obra da Criação: Quando Deus criou o mundo e fez brotar as águas das fontes, assentou os montes, fez a terra e os campos, traçou o horizonte, firmou as nuvens no alto, impôs regras ao mar e assentou os fundamentos da terra "ali estava eu (a Sabedoria) com Ele como artífice, brincando (*ludens*) diante dEle todo o tempo; brincando (*ludens*) sobre o globo terrestre, e minhas delícias são estar com os filhos dos homens" (Prov. 8, 30-31).

I.2 - Fundamentos Histórico-Psicológicos

Do ponto de vista histórico-psicológico, também é facilmente compreensível a atitude lúdica da Idade Média, uma época jovem, ou melhor, infantil.

A juventude e a velhice não se predicam só das pessoas singulares, mas também das épocas e regiões. Considere-se, por exemplo, hoje, as possibilidades específicas da pesquisa acadêmica na América (em geral) em oposição à velha Europa. O pesquisador europeu encontra-se rodeado (e, por vezes, quase

paralisado) por uma poderosa rede crítica e por padrões de erudição literária refinados ao longo de muitos séculos; já as nossas jovens universidades oferecem uma soltura e desembaraço que (se unidas ao estudo profundo...), abrem novos caminhos para a criatividade intelectual. A atitude jovem que distingue hoje a América é semelhante à que caracteriza a Idade Média ⁽¹⁾.

Pois, com a queda de Roma e a instalação dos reinos bárbaros, a cultura erudita sofreu, sem dúvida, um sério abalo. A própria expressão "Idade Média", cunhada no séc. XVII, é portadora de uma carga pejorativa (que se expressa positivamente também no nome "Renascimento", utilizado pela primeira vez no séc. XVI). Em ambos os casos manifesta-se a auto-apreciação de uma época que pretende fazer renascer a erudição clássica depois de um hiato de mil anos (idade média = época intermediária). E, de fato, a Idade Média não tem, nem de longe, a erudição clássica; mas valoriza e fomenta a cultura popular (e, portanto, também o lúdico)!

A diferença entre a mentalidade medieval e a renascentista (quanto à apreciação da cultura popular) mostra-se, por exemplo, nas sentenças do Parlamento em 1542 que proíbem o povo de continuar representando no Palácio de Bourgogne: "Tanto os empreiteiros como os tocadores de música são pessoas ignaras, artesãos, mecânicos, não sabendo A nem B, e que jamais foram instruídos e, além disto, não têm língua fecunda, nem linguagem própria, nem os acentos da pronúncia decentes... estas pessoas não letradas, nem entendidas, em tais ocupações de condição infame, como um marceneiro, um sargento, um tapeceiro, um vendedor de peixes, estão a representar os Atos dos Apóstolos..."⁽²⁾.

(1) O que, certamente, se liga ao fato, também especificamente medieval, de quão surpreendentemente jovens são os intelectuais e escritores: Pieper faz notar (Scholastik, Muenchen, DTV, 2a. ed. 1981, cap. V) que a média de idade entre os grandes da época está entre vinte e trinta anos: "Nada mais inexato (a respeito da Idade Média do que imaginar monges de barba branca, afastados do mundo em sua cela, caligrafando sutis tratados em pergaminhos" (p.71).

(2) cit. por Régine Pernoud, *Idade Média: o que não nos ensinaram*. Rio: Agir, 1979, p.46

I.3 - O lúdico na Pedagogia Medieval

Já a Idade Média (sobretudo a Primeira Idade Média), na ingenuidade de sua juventude, nunca proibiu a cultura popular. Pelo contrário, fomentou-a. Os mais sábios mestres da época dirigem-se a seus alunos de modo informal e lúdico (aliás um dos sentidos derivados de *ludus* é *escola*; fenômeno paralelo ao da derivação de escola de *scholé*, lazer). Em Alcuíno, por exemplo, encontramos diálogos repletos de enigmas, brincadeiras e piadas pois - é a sua norma pedagógica- "deve-se ensinar divertindo" ⁽³⁾.

Na Idade Média, mais do que em qualquer outra época, é absolutamente natural que um intelectual do porte de um Alcuíno ensine às crianças através de brincadeiras, como a seguinte:

"Se me lês na ordem certa, comes-me;
se me lês de trás para diante,
cavalgas-me.
Quem sou eu?"

O exemplo acima é um típico exercício da escola elementar medieval unindo o didático ao lúdico. "Cavalgar" exige complemento direto, acusativo. O aluno que esquecesse deste ponto da gramática não resolveria a adivinha; já aquele que se lembrasse, saberia que a palavra em questão começa e termina por m: *malum* (pomo; *mula* ou, no acusativo, *mulam*) é a solução.

E no ensino de Aritmética é frequente encontrarmos problemas com enunciado lúdico. Por exemplo:

"Numa escada com 100 degraus, no 1º degrau está pousada uma pomba; no 2º, 2; no 3º, 3; e assim por diante até o 100º. Diga, quem puder, quantas pombas há no total?" ⁽⁴⁾

(3) Epístola 101, in PL 100, 314, C.

(4) Este problema (e os seguintes) encontra-se na antologia de textos didáticos medievais, por nós publicada sob o título *Educação, Teatro e Matemática Medievais*. S. Paulo: Perspectiva - Edusp, 1986.

Não só o conteúdo do ensino era apresentado de forma jocosa; pratica-se nas escolas dos monges o lúdico para "aguçar o engenho das crianças". Misturados em listas medievais de ensino elementar de aritmética encontramos problemas como este:

"Um homem devia passar de uma a outra margem de um rio, um lobo, uma cabra e um maço de couves. E não pôde encontrar outra embarcação a não ser uma que só comportava dois entes de cada vez, e ele tinha recebido ordens de transportar ilesa toda a carga. Diga, quem puder, como fez ele a travessia?"

R.: "Primeiro leva a cabra, deixando o lobo e a couve. Depois volta e retorna com o lobo. Deixado o lobo, toma a cabra etc."

Ou este:

"Um boi que está arando todo o dia, quantas pegadas deixa ao fazer o último sulco?"

R.: "Nenhuma em absoluto. Pois o boi precede o arado e o arado segue o boi; e, assim, todas as pegadas que o boi faz na terra trabalhada, o arado as apaga."

Não faltam também versinhos mnemônicos, como os que circulam ainda hoje nas escolas. Quando o aluno de Trigonometria hoje, para lembrar a fórmula do seno do arco soma diz: "Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá; seno a cosseno b, seno b cosseno a", ele não imagina que está pagando um tributo ao método didático dos monges medievais. Para recordar, por exemplo, quais eram e o que estudavam as 7 artes liberais (as 3 artes da palavra: Gramática, Dialética e Retórica e as 4 científicas: Música, Aritmética, Geometria e Astronomia) dizia-se ritmicamente:

"Gram. loquitur, Dia. vera docet, Rhe. verba colorat; Mu. canit, Ars. numerat, Geo. ponderat, Ast. colit astra."

Ou decorava-se a palavra-chave que resume o conteúdo de cada disciplina: "Lingua, tropus, ratio, numerus, tonus, angulus, astra" ⁽⁵⁾.

O lúdico é tão marcante na Idade Média que chega a ser elemento importante até para a crítica de documentos da época. Na poesia medieval, mesmo na poesia litúrgica, encontramos frequentemente, acrósticos e jogos de letras e palavras. E esse é um dado que não deve ser menosprezado pelo historiador. Tomemos, por exemplo, um conhecido hino medieval, o Ave Verum ⁽⁶⁾, de autoria e forma original incertas. O texto cantado hoje na Liturgia é o seguinte:

"Ave verum corpus natum de Maria Virgine
Vere passum, immolatum in cruce pro homine
Cuius latus perforatum fluxit aqual et sanguine
Esto nobis praegustatum mortis in examine
O Iesu dulcis, o Iesu pie, o Iesu fili Mariae.
Salve, ó verdadeiro corpo nascido da Virgem Maria
Que verdadeiramente padeceu e foi imolado na cruz
[em favor do homem
De seu lado transpassado fluiu água e sangue
Sê para nós antegozo (do Céu) na hora tremenda da
[morte
Ó doce Jesus, ó bom Jesus, ó Jesus filho de Maria.

(5) Este exemplo e o anterior encontram-se em Ruy Nunes História da Educ. na I. Média. S. Paulo: EPU-EDUSP, 1979, p. 152-153.

(6) Um estudo mais completo a respeito encontra-se no nosso Filosofia, Educação e Arte. S. Paulo: IAMC, 1988, p. 78 e ss.

6

A - ve verum Corpus na - tum de Ma - ri - a
 Vir - gi - ne: Ve - re passum, im - mo - lá - tum
 in cru - ce pro hó - mi - ne. Cuius la - tus per - fo -
 rá - tum flu - xit a - qua et sán - gui - ne.
 Es - to no - bis præ - gu - stá - tum mor - tis in ex -
 á - mi - ne. O Je - su dul - cis! O Je - su
 pi - el O Je - su - fi - li Ma - ri - æ!

Ora, não havendo certeza sobre qual das variantes do hino é a do texto original, o pesquisador encontra luz para o problema lembrando precisamente do caráter lúdico da poética medieval, um elemento a mais junto a outros da crítica documental.

Tendo isto em conta, o medievalista inclinar-se-á por considerar como original uma das antigas versões, quase idêntica à cantada atualmente (a única diferença é a substituição, no 4o. verso, de "mortis in" por "in mortis"). Essa conjectura deve-se a que, no caso, aparecem típicos elementos lúdicos da época. Lembrando que os escritores medievais não separavam as palavras e abreviavam a terminação UM por U, temos o seguinte texto:

AVEVERUCORPUSNATUDEMARIAVIRGINE
 VEREPASSUIMMOLATUINCRUC EPROHOMINE
 CUIUSLATUSPERFORATUFLUX ITAQUALETSANGUINE
 ESTONOBISPRAEGUSTATUINMORTISINEXAMINE
 OIESUDULCISOIESUPIEOIESUFILIMARIAE

O duplo arranjo de vogais é um elemento a mais - em se tratando de poesia medieval - em favor da autenticidade do texto.

II-FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DO LÚDICO: A ANÁLISE DE TOMAS DE AQUINO

II.1 - Introdução

Em Tomás de Aquino (1225-1274) encontramos toda uma fundamentação filosófica do lúdico como atitude.

Tomás de Aquino é sem dúvida um dos principais pensadores do Ocidente. Sua obra, síntese original e harmônica de extremo interesse para o homem de hoje, retoma as idéias mais profundas do pensamento grego repensadas à luz da revelação cristã, sem deixar de ser estritamente filosófica ⁽¹⁾.

A atualidade de seu pensamento manifesta-se de modo especialmente agudo na Ética, campo onde Tomás situa o assunto que nos interessa hoje: o brincar.

S. Tomás trata tematicamente do brincar no *Comentário à Ética de Aristóteles* (IV,16), cuja tradução apresentaremos na parte III, e na *Suma Teológica*, questão 168, artigos 2, 3 e 4, que comentaremos ⁽²⁾ após uma breve nota sobre a própria estrutura da Suma de Tomás.

(1) Discutimos a pretensão de *Voraussetzungslosigkeit* na Filosofia em *O que é uma universidade?* S. Paulo: Perspectiva-Edusp, 1987, p.55 e ss.

(2) Seguiremos (com as mudanças e resumos oportunos para nosso trabalho) a tradução da Suma feita por Alexandre Correa, R.G. Sul, EST-Sulina-UCS, 1980.

Em todos os textos de Tomás recolhidos neste trabalho, traduziremos *ludus* por brincar.

Deixemos claro desde o princípio que o *ludus* de que Tomás trata nestes textos é sobretudo:

- o brincar do adulto (embora nada impeça que - com as devidas adaptações - se aplique também às crianças).
- a graça, o bom humor, a jovialidade e leveza no falar e no agir, que tornam o convívio humano descontraído, acolhedor, divertido e agradável (ainda que possam se incluir nesse conceito de brincar também as brincadeiras formalmente estabelecidas como tais).
- virtude da convivência, do relacionamento humano.

Ainda uma observação sobre as palavras *ludus* e *jocus*. No latim, a palavra *jocus* é originalmente reservada para as brincadeiras verbais: piadas, enigmas, charadas, etc. (a tradução inglesa de *jocus*, *joke*, conserva essa ênfase: ainda hoje se diz *practical joke* para a "piada" não-verbal, como a produzida por artefatos, como espalhar biribas no salão de uma festa, ou valer-se de um pequeno aparelho que produza um leve choque elétrico na mão do outro ao cumprimentar, etc.).

Já *ludus* (de onde se originaram as palavras ludibriar, iludir, prelúdio etc.) refere-se originalmente ao brincar não-verbal, mas por ação.

No século XIII *jocus* e *ludus* são usadas como sinônimas: "As palavras ou ações - diz S. Tomás II-II, 168, 2, c) - nas quais só se busca a diversão chamam-se lúdicas ou jocosas", "A distração se faz pelas brincadeiras (*ludicra*) de palavra e ação (*verba et facta*)".

Porém, para bem compreendermos o tratamento que Tomás dá ao brincar, é necessário antes - afinal, mais de 700 anos nos separam dele - uma breve exposição de sua concepção de ética ou moral ⁽³⁾.

(3) Utilizaremos as palavras "ética" e "moral" como sinônimas.

II.2 - A Ética como enquadramento do brincar

O homem de hoje tem dificuldades para compreender a moral porque quando pensa em moral costuma imaginar alguma coisa ligada a regras e proibições, imposições mais ou menos incômodas e arbitrárias procedentes dos pais, professores, ministros religiosos, enfim, limitações à liberdade feitas pela sociedade.

Totalmente outra é a concepção de Tomás. Ele nem sequer poderia conceber a moral como algo imposto, nem como "assunto reservado a religiosos", e, menos ainda, como algo constrangedor ou repressivo à liberdade humana! O que, sim ele diz, é que a *moral é o ser do homem* ⁽⁴⁾, doutrina sobre o que o homem é e está chamado a ser.

Sim, porque para Tomás a moral é entendida como um processo de auto-realização do homem ⁽⁵⁾; um processo levado a cabo livre e responsabilmente e que incide sobre o nível mais fundamental, o do ser-homem: "Quando porém se trata da moral, a ação humana é vista como afetando não a um aspecto particular mas à totalidade do ser do homem... ela diz respeito ao que se é enquanto homem" (I-II, 21, 2 ad 2).

Note-se que estamos caracterizando a ética falando de realização (no singular) e não de realizações (plural) nos diversos aspectos da vida: financeiro, saúde, status, etc... Pois a moral diz respeito precisamente à *realização*; realização não deste ou daquele aspecto parcial, mas a que afeta a totalidade, o que se é enquanto homem.

A moral, assim entendida, pressupõe antes e acima de tudo conhecimento sobre o ser do homem; um conhecimento que, insistamos, remete a um único fundamento: o próprio ser do homem, a natureza humana.

(4) Cfr. p. ex. o Prólogo da parte II da Suma Teológica.

(5) É o que significa por exemplo a caracterização, tantas vezes por ele repetida, da virtude como *ultimum potentiae*.

Deste modo, toda norma moral deve ser entendida como um enunciado a respeito do ser do homem; e toda transgressão moral traz consigo uma agressão ao que o homem é.

Nossa época, tão sensível para as realizações, anda um tanto esquecida da realização. Pense-se por exemplo na realização profissional. O profissional é antes de tudo um homem. Daí que a realização profissional deva subordinar-se à moral. Josef Pieper, a propósito, lembra a atual tendência - cada vez mais acentuada em nossa sociedade organizada com base na divisão do trabalho - de pensarmos que uma ação, por trazer o rótulo de trabalho, estaria, por esse próprio fato, legitimada também moralmente. Essa atitude de esquecimento da ética pode levar a desastrosas consequências: "From a technical point of view it was a sweet and lovely and beautiful job" disse Oppenheimer, referindo-se à sensação que experimentaram alguns físicos que trabalhavam na produção da bomba atômica...

Daí a extrema atualidade do diálogo com Tomás.

Para ele, cada norma moral é, na verdade, um enunciado sobre o ser. Os imperativos dos mandamentos ("Farás x...", "Não farás y...") são, no fundo, enunciados sobre a natureza humana: "O homem é um ser tal que sua felicidade, sua realização, requer x e é incompatível com y".

Não se pense que quando falamos em realização singular e profunda do ser estamos pensando no homem como um ser puramente espiritual, não! Tomás constantemente afirma a intrínseca união da alma à matéria, reconhecendo o corpo como realidade essencial ao homem. E é tão realista em suas reflexões morais, que, por exemplo, inclui entre os remédios contra a tristeza (um mal da alma) o sono e os banhos!

É a este homem que se dirige a ética de Tomás; ao homem, espírito unido à matéria; ao homem, ser-em-potência, que ainda não atingiu a estatura a que está chamado e para quem a moral se expressa na sentença de Píndaro: "Torna-te o que és!".

O pecado, o vício, é, nesse contexto, precisamente uma voluntária recusa a seguir leis que estão impressas no próprio ser do homem. O pecado adquire desse modo um caráter de auto-agressão: assim como golpear uma parede com a cabeça viola leis físico-biológicas, assim também pode haver uma violação de leis morais, referentes à realização do ser do homem em sua totalidade. Por exemplo, alguém que pautasse sua vida pela máxima: "Amar-me a mim mesmo sobre todas as coisas" estaria violando também uma lei natural, referente à natureza humana: pois o homem é um ser tal que sua felicidade, sua realização, é - como diz Kierkegaard-uma porta que abre para fora: quem a força para abrir para dentro, emperra-a.

Neste quadro, podemos compreender a doutrina de Tomás sobre a virtude.

A virtude - como também seu oposto: o vício - é um hábito (naturalmente a virtude é hábito bom; e o vício, mau). O nosso tempo anda tão desorientado no que diz respeito à Educação Moral que a própria palavra hábito nos causa aversão: associamos hábito a condicionamento, domesticação, etc. Porém, o verdadeiro sentido do hábito, o que lhe dá Tomás, nada tem a ver com essas deformações. Hábito é pura e simplesmente uma qualidade adquirida (auto-adquirida e livremente desenvolvida) que facilita a ação.

Antes de falarmos dos hábitos éticos, pensemos no hábito em outros campos: quem objetaria o trabalho de um pianista que procura adquirir facilidade e espontaneidade em suas escalas e acordes; ou os esforços de alguém que busca a fluência no falar uma língua estrangeira; etc. Naturalmente, num primeiro momento (quando não há hábito) a ação custa esforço e não se dá espontaneamente, mas com o tempo e com a auto-educação surge o hábito, a facilidade.

O mesmo ocorre com a moral: adquire-se a virtude da justiça, p.ex., na medida em que não nos custa tanto esforço dar ao outro o que lhe é de direito. Naturalmente, nisso como em

tudo, nem sempre a nossa tendência espontânea é a correta: pode ser que espontaneamente a tendência de alguém fosse a de explorar, atropelar, desrespeitar o outro. Mas quando esse alguém reconhece que eticamente, por natureza, há, neste e naquele caso concreto, algo que ele deve a outrem e efetivamente o dá, não só está praticando um ato de justiça: está -como no caso da educação musical ou de idiomas- adquirindo o hábito, a facilidade, de ser justo no futuro.

Assim se compreende a sentença de Tomás: "As virtudes nos aperfeiçoam para que possamos seguir devidamente nossas inclinações naturais" (II-II, 108,2). A aquisição de virtudes é auto-educação para aquilo que objetivamente é bom para mim (coincida ou não com a espontaneidade)

Esse bem objetivo sobre o qual incide a virtude costuma situar-se como um termo médio entre dois extremos de vício: o do excesso e o do defeito. Daí o adágio "*in medio virtus*", a virtude está no meio, com o que, naturalmente não se afirma ser a virtude uma burguesa mediocridade de média, mas sim um agudo pico entre dois abismos de erro. Neste sentido, a virtude da liberalidade, o reto uso do dinheiro, é termo médio entre a avareza e o malbaratar irresponsável.

II.3 - O brincar na Suma Teológica

II.3.1 - O lúdico na estrutura da Suma de Tomás

Huizinga, em seu famoso livro, faz notar que as formas de discussão científica da Universidade medieval são lúdicas. A Suma Teológica, onde *cada artigo assemelha-se a um torneio*, exemplifica bem essa afirmação. Vejamos brevemente a estrutura dessa obra.

A Suma Teológica, obra capital de S. Tomás de Aquino, está dividida em três grandes partes: a Ética é dedicada a 2a. parte, a mais extensa, que se subdivide em duas: I-II (*prima secundae*) e II-II (*secunda secundae*).

Cada uma das 3 grandes partes compõe-se de centenas de questões, cada questão dedicada a um tema. Dentro dessa unidade temática, cada questão é desmembrada em seus diferentes aspectos particulares que são os artigos, em número variável (em geral de 4 a 10 por questão).

Cada artigo é uma unidade molecular de estrutura constante (exemplificaremos com o art. 3 da q. 168 da II-II):

A- Enunciado do tema em forma dubitativa. Daí que os títulos dos artigos comecem pela palavra latina *utrum*, "se" ("Se pode haver pecado por excesso no brincar").

B- Tomás começa por apresentar objeções contra o que vai ser sua própria tese. A introdução às objeções também se faz por enunciado constante: *Videtur quod non...*, "parece que não..." ("Parece que não pode haver pecado por excesso no brincar"). Feito esse breve enunciado, Tomás vai enumerando objeções - em geral 3 ou 4 - ao seu pensamento, por vezes tomadas à autoridade da S. Escritura, dos Padres da Igreja, dos filósofos, etc. ou agudamente concebidas pelo próprio Tomás.

No nosso exemplo: 1. Não parece ser possível o excesso no brincar, pois o brincar muitas vezes até escusa de pecado: muitos atos que são feitos por brincadeira e não são pecado, se-lo-iam se fossem praticados a sério.

2. Se houvesse algum pecado de excesso no brincar poderíamos - como se faz com qualquer pecado - reduzi-lo a um dos sete pecados capitais. O que não parece ser o caso do brincar.

3. Se houvesse pecado por excesso, os comediantes, profissionais do brincar, viveriam em permanente pecado, o que não é verdade (de S. Pafnúcio conta-se que foi-lhe revelado que um comediante seria seu companheiro na vida eterna).

C- Antes de fazer a sua própria exposição sistemática (que será o corpo do artigo), Tomás oferece ao leitor uma breve primeira resposta, também com formulação inicial constante:

Sed contra..., "Mas, em contrário...". É este o momento em que Tomás começa, ainda timidamente, a defender a sua tese: até aqui, tudo eram objeções.

"Mas, em contrário, àquilo da Escritura - "o riso está misturado com a dor e aos fins do gozo sucede a tristeza" (Prov. 14,13) - diz a Glosa: o choro perpétuo. Ora no excessivo brincar há risos desordenados e desordenada alegria. Logo há aí pecado (o pecado é des-ordem: não-adequação ao ser do homem), digno do pranto perpétuo (o oposto da alegria).

D- O *corpus* é a A parte mais importante e longa (em geral cerca de uma página) do artigo, onde Tomás expõe ordenadamente seu pensamento deixando as respostas particulares a cada objeção para a parte seguinte.

No corpo do artigo com que estamos exemplificando, Tomás explica que de dois modos pode dar-se excesso no brincar: um, pelo brincar torpe e agressivo, como quando alguém, pelo brincar, prejudica o próximo ou vale-se de palavras ou ações torpes; o outro possível excesso, diz respeito a ausência das devidas circunstâncias: de hora, lugar, matéria ou pessoa.

E- Finalmente, Tomás responde a cada uma das objeções do começo: *Ad n ergo dicendum...*⁽⁶⁾, Contra a objeção nº tal... No caso:

ad 1. Contra a primeira objeção deve-se dizer que há certos atos que só são pecado pela intenção e, nesses casos, a brincadeira escusa de pecado. Já no caso de atos especificamente maus (homicídio, adultério etc.), não.

ad 2. O excesso na brincadeira, a alegria fátua, é filha da gula. Como se vê em Ex. 32,6 : O povo se assentou a comer e a beber, e depois se levantaram a brincar.

(6) Assim, as citações da Summa neste trabalho seguem o padrão usual. Por exemplo, II-II, 168, 3, ad 1 é a resposta à primeira objeção do artigo 3 da questão 168 da segunda parte da segunda parte. Já por exemplo III, 17, 2, c (ou simplesmente III, 17, 2) é o corpo do artigo 2 da questão 17 da parte III.

ad 3. O brincar é necessário para a vida humana. Daí que o comediante que faça reto uso da arte de divertir os outros não peca, mas pode viver virtuosamente.

II.3.2 - O brincar na Suma Teológica

Na Suma Teológica, sem a preocupação de glosar, Tomás trata do brincar mais livremente do que o faz no Comentário à Ética.

A afirmação central (fundamentada na concepção de ética que expusemos) da valorização do brincar encontra-se no ad 3 do artigo 3: *Ludus est necessarius ad conversationem humanae vitae*, o brincar é necessário para a vida humana (e para uma vida humana).

A razão dessa afirmação, como sempre, a encontraremos no ser do homem, desenvolvida no artigo 2 (da q.168), que passamos a resumir.

Tomás afirma que assim como o homem precisa de repouso corporal para restabelecer-se pois, sendo suas forças físicas limitadas, não pode trabalhar continuamente; assim também precisa de repouso para a alma, o que é proporcionado pela brincadeira ⁽⁷⁾.

É interessante observar que assim como a palavra refeição indica um "re-fazer-se" das forças físicas, assim também pelo recreio, há uma "re-criação" das forças da alma.

Esta recreação pelo brincar - e a afirmação de Tomás pode parecer surpreendente à primeira vista - é tanto mais necessária

(7) Nesse mesmo sentido, o rei D. Alfonso X o Sábio, contemporâneo de Tomás e autor do primeiro grande tratado de xadrez do Ocidente, começa o seu *Libro del Acedrex* (publicado in LAUAND, L. J. *O Xadrez na Idade Média*. S. Paulo: Perspectiva-Edusp, 1988) dizendo: "Deus quis que os homens naturalmente tivessem todas as formas de alegria para que pudessem suportar os desgostos e tribulações da vida, quando lhes sobreviessem. Por isso os homens procuraram muitos modos de realizar com plenitude tal alegria e criaram diversos jogos que os divertissem" (p.65).

para o intelectual e para o contemplativo que são os que, por assim dizer, mais "desgastam" as forças da alma, arrancando-a do sensível. E "sendo os bens sensíveis conaturais ao homem" as atividades racionais mais requerem o brincar.

A propósito, Tomás recolhe um episódio que se conta da vida de S. João Evangelista: "Tendo alguém se escandalizado de ver S. João brincando (*ludentem*) com seus discípulos, o santo mandou um deles buscar um arco para disparar uma seta. O que, como o tivesse feito repetidamente, perguntou-lhe se podia continuá-lo sem parar. Respondeu-lhe, que se assim procedesse continuamente, o arco haveria de quebrar-se. Donde concluiu S. João, que do mesmo modo, quebrar-se-ia a alma do homem, se nunca relaxasse a tensão em seu agir." Daí a necessidade do brincar.

Tomás indica a seguir três precauções a tomar nessa matéria:

1. Evitar brincadeiras que envolvam agir ou falar torpe ou nocivo.
2. Não se deixar envolver tão desenfreadamente pelo brincar a ponto de perder a gravidade da alma. E aplica ao adulto o mesmo critério do brincar que se impõe às crianças: "não permitimos às crianças toda espécie de brincadeiras, mas só as que não sejam moralmente más."
3. Cuidar de que sejam adequados o momento ("brincadeira tem hora!"), o lugar ("Aqui não é lugar de brincadeira") e as pessoas envolvidas.

Feitas essas considerações, Tomás conclui: "Vê-se pois que as brincadeiras devem ser ordenadas pela regra da razão (razão, no caso, significa: conhecimento objetivo do ser). E o hábito que opera segundo a razão é a virtude moral. Há portanto uma virtude do brincar que é o que Aristóteles chama de *eutrapelia*."

No ad 1, Tomás recomenda o uso didático de brincadeiras e piadas: para descanso dos ouvintes (ou alunos).

Os artigos sobre o brincar se completam com o art.4, onde Tomás trata do vício por falta: a dureza daqueles que não sabem brincar e, assim, tornam a vida difícil e desagradável aos outros. Tal tema é objeto também do *Comentário à Ética*.

III- O COMENTÁRIO DE TOMÁS DE AQUINO (LIVRO IV, 16) À ÉTICA DE ARISTÓTELES: O BRINCAR

Nota introdutória

O comentário de Tomás, cerca de três vezes mais volumoso do que o original aristotélico (1127 b 30 - 1128 b 10), segue passo a passo a tradução de que Tomás dispunha.

Tal tradução, se bem que muito boa para os padrões da época, é obscura em certas passagens, como a em que Aristóteles para ilustrar a diferença entre a atitude viciosa e a virtuosa contrapõe as antigas às novas comédias. Diz o original aristotélico: "Para os antigos autores cômicos era a obscenidade o que provocava o riso; para os novos, é antes a insinuação, o que constitui um progresso". Já na tradução de que Tomás se vale não há tal contraposição e o Aquinate entende "suspeita" onde o original diz "insinuação". Daí sua afirmação, interessante, mas que nada tem a ver com o texto aristotélico:

"E (Aristóteles) diz que tal critério é especialmente manifesto quando consideramos os diálogos tanto nas antigas como nas novas comédias.

Porque se em algum lugar nessas narrações ocorria alguma fala torpe, isso gerava em alguns a irrisão enquanto tais torpezas se convertiam em riso. Para outros, porém, gerava a suspeita, enquanto suspeitavam que aqueles que falavam torpezas possuíam algum mal no coração" (859).

Outra dificuldade que Tomás enfrentou pela tradução diz respeito à palavra *eutrapelus* e *eutrapelia*. Aristóteles quando se

vale do vocábulo *eutrapelia* está comparando essa virtude da alma à agilidade como qualidade do corpo: "o bem voltar-se" corporal, com flexibilidade e soltura. Já o significado que a tradução deu a *eutrapelus*, *bene vertente*, sugere a Tomás a interpretação "aquele que bem converte", aquele que converte adequadamente em riso as incidências do cotidiano:

"Aristóteles mostra o que é o termo médio da virtude no brincar. E diz que aqueles que se portam convenientemente no que diz respeito ao brincar são chamados *eutrapeli*, que significa "os que bem convertem", porque convertem em riso, de modo conveniente e versátil, as coisas que se dizem ou fazem" (854).

De resto não há grandes discrepâncias. Tomás pouco acrescenta a Aristóteles nos pontos 853, 855 a 858, 860 a 863, 865 e 866.

Dentre as novidades em relação ao original destaca-se a bela fundamentação do brincar como virtude (850 e 851).

Ao traduzir o texto, substituímos os comentários esquemáticos (supérfluos e enfadonhos para o leitor contemporâneo) por títulos e subtítulos indexados.

Nota sobre a tradução de algumas palavras:

Sempre que, no texto, aparecer alguma das seguintes palavras latinas, ela receberá como tradução a primeira palavra portuguesa (em negrito) registrada nestas notas. E reciprocamente: estas só são empregadas na tradução daquelas.

bomolochus (pl. *bomolochi*) - *bomolochus* (mantemos o original), o zombeteiro sempre à espreita da ocasião de fazer rir, o que para ele é praticamente um valor supremo ao qual não poupa a nada nem a ninguém.

conviciium, *convicia jocosa* - *troça*, escárnio, gracejo, em geral insultuoso e irônico.

derisio - *irrisão*: zombaria, escárnio, mofa, chacota, caçoada, deboche, gozação. Daí o derivado, muito mais frequente na linguagem corrente, *irrisório*: irrelevante, ridículo, descabido.

derisor - irrisor.

eutrapelia - eutrapelia, virtude do saber brincar com bom gosto e sem ferir. A palavra eutrapelia evoca a agilidade, a soltura, a flexibilidade, o "bem-voltar-se" dos movimentos versáteis do corpo e, por derivação, na ética, aplicada à flexibilidade do espírito (devo esta nota à Profa. Maria de Fátima Simões Francisco). É assim a qualidade da alma que sabe, na medida certa, converter em riso o que se diz ou faz.

eutrapelus (pl. *eutrapeli*)- *eutrapelus* (mantemos o original), o que pratica a virtude da eutrapelia.

epidexios - epidexios (mantemos o original). Tomás emprega como sinônimo de *eutrapelus*. O *epidexios* é o homem bem adaptado e disposto ao convívio. (o sentido original grego é o de destreza da inteligência -devo esta nota a M. F. S. F.).

ludus - o brincar.

TOMÁS DE AQUINO - COMENTÁRIO À ÉTICA A NICÔMACO, LIVRO IV, 16

(Para a tradução, valemo-nos do original latino
In X Libros Ethicorum, Turim, Marietti, 1934).

(Nota: Ao longo desta tradução, A. abreviará Aristóteles).

INTRODUÇÃO

850- A., depois de ter determinado as virtudes que dizem respeito aos atos humanos sérios, determina neste capítulo uma certa virtude que diz respeito ao brincar.

E sobre três pontos incide sua análise:

- I- Mostra que pode dar-se virtude e vício sobre o brincar.
- II- Trata da virtude que versa sobre o brincar e dos vícios que lhe são opostos.
- III- Mostra a diferença entre essa virtude e outras duas, anteriormente tratadas.

I- Existe uma virtude do brincar.

A respeito do primeiro ponto deve considerar-se que não teria sentido falar de virtude e vícios referentes a atos que em si são maus e não se podem dar sob forma de bem ⁽¹⁾, como mostramos anteriormente ⁽²⁾. Assim pois, se o brincar não pudesse ter caráter de bem, não poderia haver uma virtude que tivesse por objeto o brincar.

851- O brincar, porém, algum caráter de bem possui, na medida em que é útil para a vida humana. Pois, assim como o homem necessita, de vez em quando, interromper o trabalho e descansar da atividade física, assim também, de vez em quando, necessita subtrair-se à tensão de ânimo exigida pelas atividades sérias, para repouso da alma: e isso é o que se faz pelo brincar.

E por isto A. diz que, ao proporcionar ao homem um certo repouso das preocupações -que nesta vida e no relacionamento humano não faltam-, o brincar tem caráter de bem, de bem útil. Daí que no brincar possa dar-se um harmonioso diálogo e comunicação entre os homens: de tal modo que no brincar o homem diga e ouça de modo adequado o que lhe é de proveito.

Há, contudo, uma grande diferença entre dizer e ouvir; há muitas coisas que um homem decentemente ouve, mas não poderia decentemente dizer.

(1) Não existem, por exemplo, virtudes referentes ao ato de invejar ou ao de adulterar, que são, por natureza maus.

(2) Cfr. II,7,329.

II - A virtude do brincar e os vícios que lhe são opostos

II.1 - O meio e os extremos no brincar.

(No dizer, no ouvir e) Onde quer que haja diferenças entre o que convém fazer e o que não convém fazer, aí também haverá não só o meio (da virtude), mas também o excesso e a falta (dos vícios) em relação ao meio. E, assim, a respeito da brincadeira há também termo médio e extremos.

II.1.1 - *O vício por excesso.*

852- A. mostra inicialmente o que caracteriza o vício por excesso e diz que os que exagerando no brincar caem na irrisão se chamam *bomolochi*, isto é, os que furtam no templo, à semelhança das aves de rapina, dos milhafres que voavam ao redor do templo para roubar as vísceras dos animais imolados. Assim também estes espereitam a fim de que possam "roubar" algo para convertê-lo em irrisão ⁽³⁾.

Tornam-se assim importunos pois sempre querem fazer rir e aplicam-se mais a esse desejo do que ao de não dizer algo inconveniente ou imoral e que não agrida aqueles com quem se metem com essas suas troças. De fato, tanto mais eles querem dizer alguma grosseria ou algo que possa ferir o outro quanto, com isto, induzem os outros ao riso.

II.1.2 - *O vício por falta.*

853- Em segundo lugar, A. mostra o que é o vício por falta. E diz que aqueles que não querem dizer algo engraçado e se irritam com os que o dizem, na medida em que assim se agastam, tornam-se como que duros e rústicos, não se deixando abrandar pelo prazer do brincar.

(3) Esta interpretação do significado da palavra não se encontra no texto de A. comentado.

II.1.3 - O termo médio no brincar.

854- Em terceiro lugar, A. mostra o que é o termo médio da virtude no brincar. E diz que aqueles que se portam convenientemente no que diz respeito ao brincar são chamados *eutrapeli*, que significa "os que bem convertem", porque convertem em riso, de modo conveniente e versátil, as coisas que se dizem ou fazem.

II.2 - O brincar como indicador das disposições morais

855- A. mostra como o que foi dito acima é próprio da diversidade das disposições morais. E diz que esses movimentos da alma no voltar-se para o riso (no exagero, na adequação ou na falta) é um certo indício da disposição moral interior. Pois, assim como pelos movimentos corporais exteriores se discernem as disposições interiores do corpo, assim também pelas ações exteriores se conhecem nossas disposições morais.

II.3 - O excesso tomado por virtude.

856- A. mostra como algumas vezes o extremo é falsamente considerado como meio. E diz que há muitos que exageram na apreciação do riso e muitos que folgam mais do que o devido com as brincadeiras e com que se digam a outros troças que os ridicularizem. Por isso, para esses, os *bomolochi* são chamados *eutrapeli* porque são por eles muito apreciados, pois passam da medida no brincar, o que a muitos homens agrada exageradamente.

Isso não impede que continue de pé a grande diferença objetiva que há entre os *bomolochi* e os *eutrapeli*, como evidenciamos acima ⁽⁴⁾.

(4) 852-854

II.4 - Caracterização dos hábitos acima enunciados: a virtude e os vícios do brincar.

II.4.1 - *O virtuoso em relação ao brincar em geral.*

857- Inicialmente, A. afirma que o que caracteriza o termo médio da virtude do brincar é aquilo que é próprio do *epidéxios*, isto é, do homem bem adaptado e disposto ao convívio humano. É próprio dos que têm tal atitude ouvir e dizer ludicamente o que condiz com um homem equilibrado e livre, no sentido de que tem o ânimo livre de paixões servis ⁽⁵⁾.

858- Em segundo lugar, A. argumenta em favor do que havia dito: onde quer que se dê algo que se possa fazer decentemente, há campo próprio de virtude. E acontece que no brincar pode-se falar e ouvir de modo conveniente: e isto se torna evidente pela diferença entre os modos de brincar. Pois o brincar no homem livre, que se dirige por si mesmo e espontaneamente a agir bem, difere do brincar do homem servil, que se ocupa de coisas servis. E o brincar do homem educado, que aprendeu como deve brincar, difere do do homem indisciplinado, cuja brincadeira não é refreada por nenhuma moderação.

Donde é evidente que é próprio do termo médio da virtude a decência no dizer e no ouvir que se dão no brincar.

859- A seguir A. apresenta um certo critério para distinguir o brincar do homem educado do do indisciplinado. E diz que tal critério é especialmente manifesto quando consideramos os diálogos tanto nas antigas como nas novas comédias.

Porque se em algum lugar nessas narrações ocorria alguma fala torpe, isso gerava em alguns a irrisão enquanto tais torpezas se convertiam em riso. Para outros, porém, gerava a suspeita, enquanto suspeitavam que aqueles que falavam torpezas possuíam algum mal no coração.

(5) Tomás não se refere à liberdade (e à servidão) como condição social, mas como qualidade moral.

É óbvio portanto, que não é pouco importante para a moral se um homem diz na brincadeira coisas torpes ou honestas.

II.4.1.1 - *O virtuoso ante um caso especial: o das troças*

860- A. inicialmente (primeiro membro) se questiona se se pode determinar o que é portar-se bem no troçar quanto àquilo que se fala e, portanto, se se pode determinar um falar que convém ao homem liberal virtuoso e modesto. Ou (segundo membro) se não se determina o bom troçar por isso, mas antes por parte do fim ou efeito: procurar não ferir a quem ouve; ou ainda mais: procurar agradá-lo.

861- E, respondendo à questão quanto ao segundo membro, A. diz que sendo muitas e diversas para cada um as formas do odiável e do agradável é indeterminado o que fira ou agrade a quem ouve.

Aquilo que agrada, naturalmente, qualquer um de bom grado o ouve; as falas que se podem dizer aos outros (contanto que não se pretenda feri-los) são, ao que parece, as mesmas que alguém pacientemente aceita ouvir.

862- Quanto ao que dizer nas troças, A. mostra que algo pode ser determinado quanto ao primeiro membro, isto é quanto às troças que se dizem. É evidente que o homem virtuoso não fará qualquer troça, pois a troça é uma certa ofensa. Não participa das troças na medida em que o que nelas se diga difame ou ofenda alguém, o que está proibido pelos legisladores⁽⁶⁾. Mas há outras troças que não se proíbem e de que convém participar pelo prazer ou para a emenda de alguém ser feita sem difamação. Aquele pois que em troçando se porta equilibrada e livremente, esse é para si mesmo lei, pois por opção pessoal evita o que a lei proíbe e faz uso do que a lei concede.

(6) O brincar é necessário, entre outras razões, por suavizar as relações humanas. Daí que seja uma perversão o brincar que constringe e discrimina (pense-se por exemplo nas piadas que fomentam preconceitos raciais)

863- Por fim, A. conclui que tal é o termo médio do virtuoso quer se denomine *epidéxios*, isto é, bem adaptado, quer *eutrapelus*, isto é, o que bem converte.

II.4.2 - *Caracterização do mal do excesso.*

864- A. caracteriza o mal do excesso e diz que o irrisor é pior que o *bomolochus*, pois o irrisor o que quer é vexar alguém, enquanto o *bomolochus* não pretende isso mas simplesmente gracejar, embora para este objetivo não poupe a si mesmo nem aos outros quando se trata de fazer rir; e converte a sua conduta e o que os outros dizem ou fazem em objeto de riso; e diz o que nunca diria um homem virtuoso; e algumas das coisas que ele diz não só não as diria mas nem sequer as ouviria o homem virtuoso.

II.4.3 - *Caracterização do mal da falta.*

865- O rústico ou duro, esse, já não traz nenhuma contribuição para as conversas lúdicas e se aborrece com todos. E nisto consiste seu vício: em repelir totalmente o brincar que, como o repouso é necessário para a vida humana.

III - A distinção entre a virtude do brincar e duas virtudes anteriormente tratadas.

866- A. faz a distinção entre esta virtude e duas anteriores. E diz que 3 são os termos médios no convívio humano de palavra e ação. A diferença entre essas virtudes se dá pelo fato de que uma versa sobre a veracidade no dizer e no agir; as outras duas versam sobre o agradável. Destas, uma se dá no brincar e a outra ⁽⁷⁾ no relacionamento sério.

(7) Trata-se da virtude que leva a um comportamento correto e equilibrado entre o bom relacionamento com os outros e o não transigir (sob pretexto de cordialidade ou harmonia) no que eticamente não se pode transigir.

APÊNDICE: EXCESSOS NO BRINCAR A ÉPOCA DE S. TOMÁS

A amostra de duas poesias da época, pode ajudar a compreensão dos excessos do brincar a que S. Tomás se refere.

O exagerado desejo de fazer rir pode levar à ofensa do próximo, como se vê no "Poema dos porquês" (anônimo português medieval) cujo texto (embora a presente tradução não seja integral) mostra o agudo senso de humor do autor. Note-se, porém que o humor se faz pela difamação (ou calúnia) sem poupar a ninguém na cidade. E termina com a grosseria da estrofe final.

O Poema dos porquês ⁽¹⁾

Por aí a gente vê
tanta coisa esquisita
que fica até aflita
e perguntando o porquê

Por que D. Gonçalo é metido
a julgar-se cavaleiro.
por que Abranches seu dinheiro
guarda tão escondido

Por que é que seu irmão
mantém trancada a mulher
por que canta D. João
tão mal a meu parecer

Por que tanta hipocrisia
há em Saldanha Diego
por que parece morcego
D. Luiz ao meio-dia

(1) Extraído da *Antologia de Textos Medievais* (org.: J.P. Tavares). 2a. ed. Lisboa: Clássicos Sá da Costa, 1961, 124 e ss. Esta e as demais traduções deste Apêndice são de nossa autoria.

Por que não pode a demanda
o Tavares acabar
por que Vasco de Miranda
nunca deixa de furtar
... etc... etc...
Com estes porques terá prazer
quem de rir tem fome
E quem não, vá se lambar
Lá onde as costas mudam de nome...

(orig.: "e que nam, vasse beyjar onde lha pele faleçe")

Quando na taberna estamos ⁽²⁾

Nesta poesia dos goliardos (estudantes farristas medievais), encontramos o abuso do *ludus* não só na irreverência, mas também no jogo (em latim, como em tantas línguas, a mesma palavra significa jogar e brincar):

Quando na taberna estamos
livres de toda preocupação
ao jogo nos aplicamos
com grande dedicação
...

Um joga, outro bebe
soltam-se todas as amarras
nos jogadores se percebe
que entre apostas e farras

Fica rico o esfarrapado
perde a roupa o bem trajado
lá ninguém teme a morte
lança-se por Baco a sorte

Nós, os libertinos
temos nossa ladaíinha
e como bons meninos
oferecemos o fruto da vinha

(2) A poesia "In taberna quando sumus" foi extraída da coletânea *Les poésies des goliards* (ed.: Olga Dobische-Rojdestvensky). Paris: Rieder, 1931, p.202 e ss.

A primeira bateria
é por todo o povo cristão
A segunda, não vazia
é pelos que sofrem aflição

Por todos os farristas
celebremos a terceira
E a quarta tem em vista
a vaidade da freira
...

A décima é pelos navegantes
onze, pelos doentes
doze, pelos viajantes
treze, pelos penitentes
Pelo Papa, pelo rei
Bebem todos, sem lei

Bebe o homem, bebe a mulher
bebe o rude, bebe o meigo
bebe até quem não quer
bebe o padre, bebe o leigo

Bebo eu, bebe o mundo
bebem cem, bebem mil
bebe todo vagabundo
até secar o barril.

SUMMARY: *This article shows the importance of playing (and its foundations) in Middle Ages pedagogy, specially the philosophical praise of playing by St. Thomas Aquinas. A translation of the chapter on philosophy of the playing of St. Thomas in his Comments on Aristotle is given.*

KEYWORDS: *Playing in Middle Ages. Mediaeval Pedagogy. Philosophy and History of Playing. Moral Philosophy of St. Thomas Aquinas. Playing in Aristotle and St. Thomas.*

(Recebido para publicação em 22.02.91 e liberado em 13.03.91).